

Atenção: 2 de agosto, 18h – reunião no Auditório da ADUFSCar (vídeo conferência), para debater questões de **Raça, Etnia, Gênero e Sexualidades** e a **participação no evento nacional de 22 de agosto** (ler abaixo).

1) Reunião do Grupo de Trabalho Raça, Etnia, Gênero e Sexualidades do PROIFES.

O GT Raça, Etnia, Gênero e Sexualidades do PROIFES reunir-se-á em Brasília, no próximo dia **10 de agosto**, quinta-feira, na sede da Federação. A ADUFSCar enviará até **três participantes**.

Participação da ADUFSCar em reuniões nacionais (GT-PROIFES).

A reunião dará continuidade ao trabalho do GT, que, no dia 19 de abril de 2017, com a presença de representantes de sindicatos da Federação (inclusive da ADUFSCar), discutiu a seguinte pauta: organização de um encontro temático sobre as demandas dos docentes negros e negras; forma de inserir esta temática nos grupos e conselhos da federação e nos sindicatos federados; encaminhamentos.

No início da reunião foi apresentada, em vídeo, a fala do Reitor da UFBA, professor João Sales, e da presidente da APUB, Luciene Fernandes, dando total apoio ao evento sobre raça/etnia do PROIFES. O GT aprovou as propostas abaixo, em caráter indicativo ao CD do PROIFES, que já as referendou:

1. Criar um grupo de WhatsApp para agilizar a comunicação entre os membros do GT;
2. Indicar a realização um “Encontro Temático sobre Raça e Etnia” na UFBA, em **novembro de 2017**, com duração prevista de dois dias e convocação de delegados de todos os sindicatos da Federação.
3. Propor aos sindicatos, com o objetivo de capilarizar o trabalho do GT, a criação de GTs locais em cada sindicato. Esses GTs deverão organizar espaços de discussão sobre a questão gênero, raça/etnia e sexualidades nas Instituições de Ensino e/ou Sindicatos, construídos a partir do diálogo com a comunidade acadêmica, ouvidorias, DCE e outras instâncias representativas;
4. Sugerir aos GTs locais que incentivem o envio de textos relativos ao assunto para o 13º Encontro Nacional do PROIFES, a realizar-se em julho de 2017; e que organizem, em **setembro de 2017**, eventos preparatórios para o Encontro Temático do PROIFES, convidando expoentes sobre o tema para promover palestras em cada Sindicato;
5. Após promoção de debates sobre o nome do GT – entre outras questões, foi sugerida a inclusão do termo “diversidade”.

Participação da ADUFSCar em reuniões internacionais.

A ADUFSCar tem participado de reuniões sobre o tema convocadas pela Internacional de Educação, que reúne mais de 30 milhões de trabalhadores de educação. Assim, a entidade se fez presente no último evento da IE, realizado em Assunção (14/16 junho, 2017), com a pauta ‘**Mulheres em espaços de poder**’.



Leia a seguir o relato da reunião:

A discussão do encontro pautou o direito de participação das mulheres na política em três dimensões: assuntos políticos, na formação política e nas organizações. As entidades participantes representavam os seguintes países: Brasil, Bolívia, Peru, Uruguai, Paraguai, Argentina e Costa Rica. Do Brasil estavam as seguintes entidades: **PROIFES** (Luciene, da APUB, e Matilde, da **ADUFSCar**), **CNTE** e **CONTEE**.

Em todas as falas pode-se constatar a intensa participação das mulheres em momentos políticos importantes de seu país, mas pouco resultou em espaços de poder e registro histórico de relevância. Todos os países apresentaram dados sobre as mulheres em cargos importantes como presidência, ministérios e câmara legislativa. Ex: no Paraguai, no qual a maioria absoluta da população é composta por mulheres, em 2013 somente 18,6% eram mulheres titulares no parlamento, sendo que para se ter um debate mínimo sobre políticas de gênero seria necessário pelo menos 30% da massa crítica.

A mulher precisa trilhar um difícil caminho que passa por: 1. Eleger-se a si mesma (empoderamento econômico e sobre o seu corpo); 2. Ser eleita por um grupo político; 3. Ser eleita por eleitores e eleitoras do meio correspondente. Para tanto existem muitos obstáculos: a mentalidade machista, controle dos espaços públicos pelos homens, persistência da desigualdade, violência política, dificuldade de financiamento para candidatura de mulheres, entre outros.

Os novos desafios: paridade/democracia paritária. Somente em 7 países latinos: Bolívia, Equador, Costa Rica, Honduras, México, Nicarágua e Panamá. Exceto Panamá e Honduras estabelecem alternância vertical e na Bolívia e Costa Rica estabelecem também paridade horizontal.

As dificuldades vêm de todos os lados, sobre a reprodução do patriarcado, base importante para a política neoliberal, ou seja, neste tipo de política, as mulheres são as primeiras a serem atingidas. A metodologia utilizada se constitui de símbolos, como mulheres para reprodução e imagens tradicionais relacionadas as mulheres; normas constitucionais e leis formais (como o adultério para homens e mulheres); instituições (família e escola que reproduzem o sistema); e processos de subjetivação (as condições materiais que dialogam com o corpo).

Educação na dinâmica da reprodução e na transformação das relações de gênero hegemônicas.

1. Androcentrismo do currículo x educação sexual integral, 2. Trabalho docente como trabalho feminilizante x identificação da categoria "trabalho", participação gremial, associação com movimento feminista e agenda de gênero no sindicato.

Violências patriarcais: 1. Coerção através do assédio; 2. Violência política sobre as mulheres que conduzem.

Professora Luciene e Matilde colocaram a situação atual da federação, com o quantitativo de mulheres na diretoria e conselho deliberativo e seus respectivos cargos. Também comentaram sobre a iniciativa de criação de um grupo de trabalho que discute sobre gênero, raça e sexualidades. No entanto, entre as falas dos outros países ficou claro a necessidade de uma política da entidade específica para a questão gênero.

A iniciativa do PROIFES em ter participação no encontro foi extremamente importante, mostrando sua perspectiva em pautar esta política dentro da federação e dos sindicatos federados.

Os encaminhamentos foram realizados por país, a fim de fazer uma rede de trabalho conjunto. Abaixo aqueles apresentados pelo Brasil (CNTE e CONTEE e PROIFES):

Promover políticas de igualdade a partir de nossas entidades passa necessariamente por:

1. Organização; 2. Finanças; 3. Formação; e 4. Comunicação.

Quais o conteúdo da política de igualdade?

Representação das mulheres nos espaços de poder e decisão que reflita a nossa presença na base da categoria. Conhecimento da realidade das mulheres na categoria. Política financeira e de promoção da luta - geral e específicas da categoria - das mulheres

Quais os mecanismos da política de igualdade?

Promover a presença das mulheres no movimento da categoria através de: 1. Formação teórica e prática; 2. Pesquisas sobre a realidade das mulheres nas categorias específicas; 3. Cotas de participação.

O que queremos fazer na organização?

Criar espaços de organização das mulheres (coletivos, departamentos, secretarias). Estimular a participação das mulheres nestes espaços. Como fazê-lo? Encontros, seminários, reuniões, debates, comunicação de forma inclusiva. Por que fazê-los? Propiciar cada vez mais, mecanismo e espaços que subsidiem o empoderamento das mulheres para sua participação política nas direções, fóruns e espaços de representação das nossas entidades.

Encaminhamentos específicos para o PROIFES.

1. Encaminhar uma tese para o Encontro do PROIFES sobre o tema.

2. Pauta gênero na reunião do CD com mulheres da diretoria e conselho deliberativo.

2) ADUFSCar envia ao XIII Encontro texto sobre questões de gênero.

Com o objetivo de contribuir para o debate sobre questões de gênero nas IFES (Instituições Federais de Ensino Superior – Universidades e Institutos Federais), e em consonância com a deliberação número 1. Acima (‘Encaminhamentos específicos para ao PROIFES’), a ADUFSCar enviou ao XIII Encontro Nacional do PROIFES, que se realiza em Brasília, entre 26 e 29 de julho de 2017, um texto (abaixo).

Aí são apresentados alguns dados sobre a distribuição dos docentes filiados à ADUFSCar, no que tange à classe, gênero e estado civil.

Questões de gênero entre os filiados da ADUFSCar.

Este texto não tem a pretensão de traçar diagnósticos e muito menos soluções, mas apenas o de apresentar dados relativamente à ascensão funcional diferenciada, considerado o universo de professores e professoras da UFSCar filiados à ADUFSCar, Sindicato.

Acreditamos que, diante do levantamento que se segue, valeria a pena:

- 1) Obter dados análogos, com relação aos docentes de outras Universidades e Institutos Federais;*
- 2) Avaliar os resultados, buscando, inclusive, informações complementares, de forma a iniciar um estudo visando a interpretação dos dados que vierem a emergir.*

Analisamos os docentes de ambas as carreiras, envolvendo inicialmente 1.296 sindicalizados à ADUFSCar, Sindicato, sendo 1.259 do Magistério Superior e 37 do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico. Desses, 6 tinham dados incompletos, de forma que o universo foi reduzido a 1.290.

Os dados foram computados levando em questão o gênero, o estado civil – casados (as) (ou união estável); divorciados (as) (ou separados (as)); solteiros (as); e viúvos (as) – e a classe à qual pertencem os docentes. Eis os resultados:

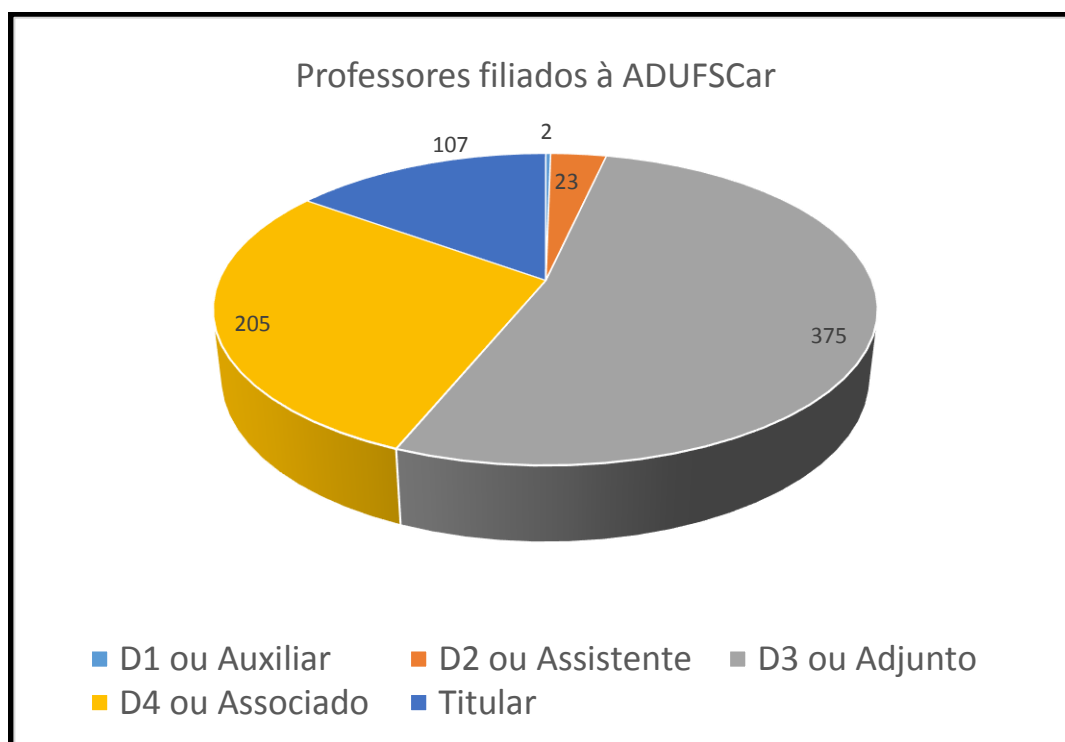
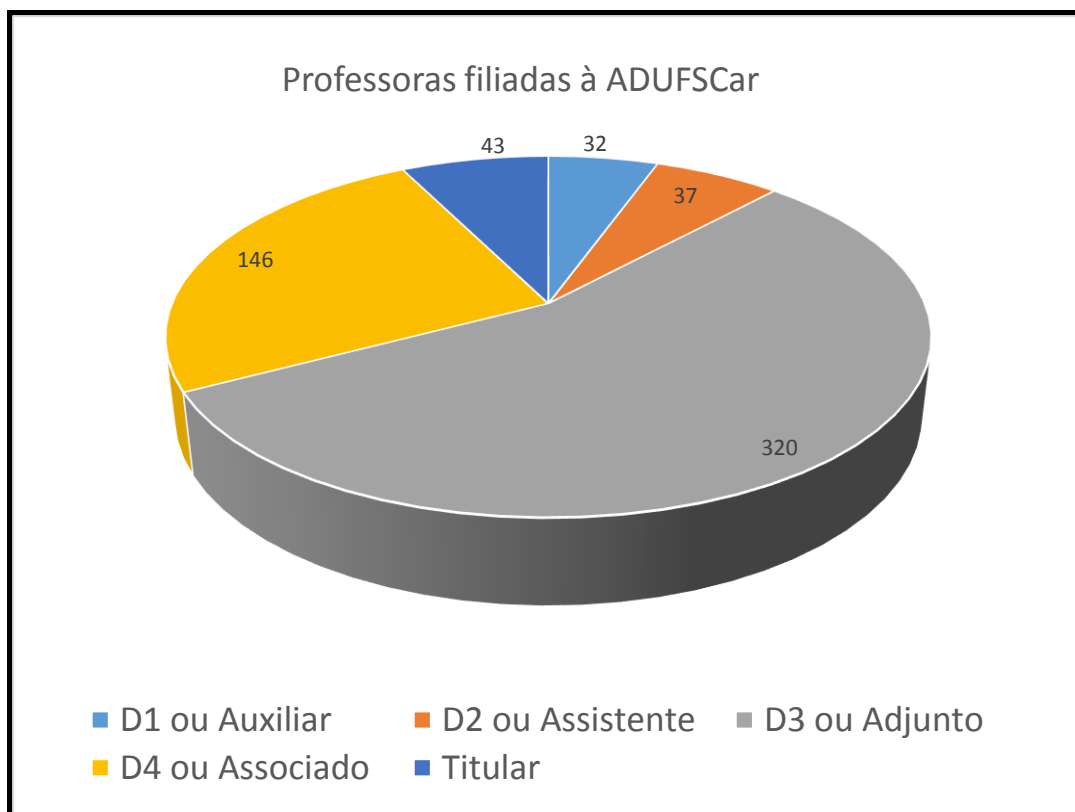
	Professoras filiadas à ADUFSCar, Sindicato.				
	Solteiras	Casadas	Divorciadas	Viúvas	Total
D1 ou Auxiliar	7	14	8	3	32
D2 ou Assistente	17	12	5	3	37
D3 ou Adjunto	78	192	42	8	320
D4 ou Associado	33	84	27	2	146
Titular	11	26	3	3	43
TOTAL:	146	328	85	19	578

	Professores filiadas à ADUFSCar, Sindicato.				
	Solteiros	Casados	Divorciados	Viúvos	Total
D1 ou Auxiliar	0	1	0	1	2
D2 ou Assistente	8	14	0	1	23
D3 ou Adjunto	82	260	29	4	375
D4 ou Associado	23	157	22	3	205
Titular	2	91	14	0	107
TOTAL:	115	523	65	9	712

Os quadros acima mostram que, considerados todos os docentes, há um número muito maior de professores na classe de auxiliar ou D1, ou seja, 32, contra apenas 2 professores.

Ao mesmo tempo, o número de professores associados (e também o percentual) é maior do que o de professoras. E, no que tange aos titulares, a diferença é marcante: são 107 (homens) contra 43 (mulheres).

Veja abaixo a representação gráfica desses fatos.

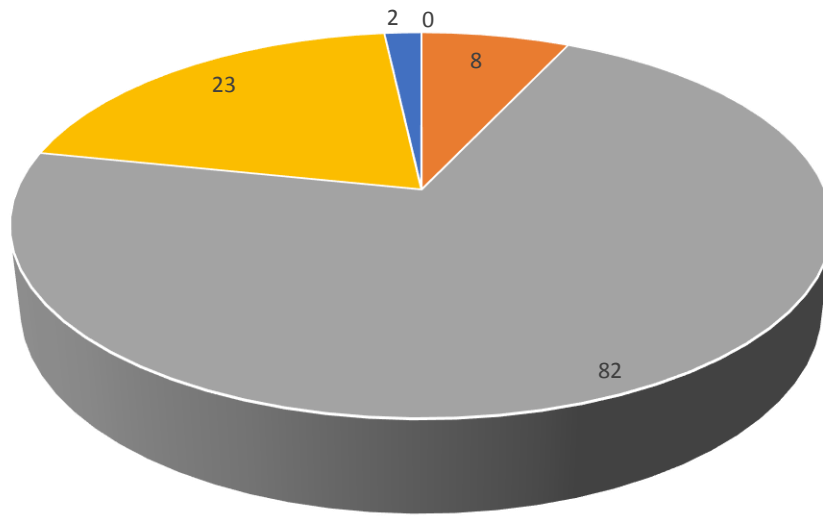


Entretanto, uma diferença muito significativa se verifica quando se considera apenas os professores e professoras solteiras (ver também gráficos abaixo).

Aí se vê que a situação se inverte inteiramente: há mais professoras associadas do que professores associados e muito mais titulares mulheres do que titulares homens.

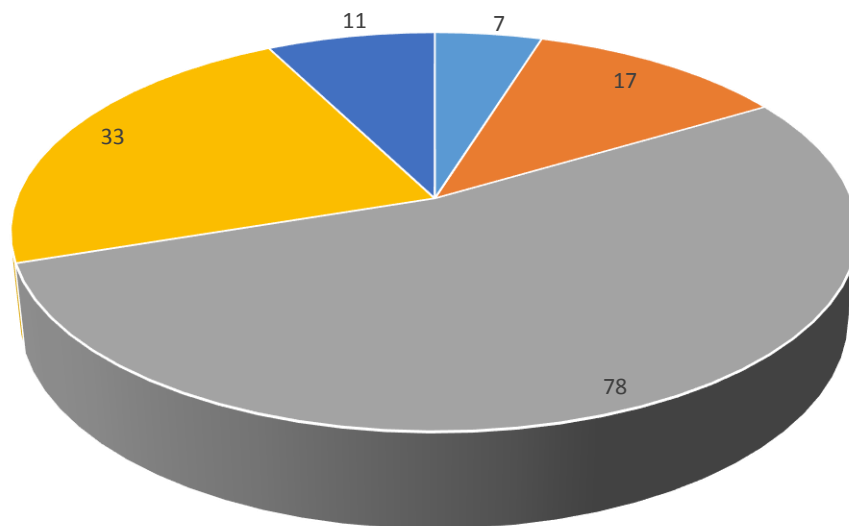
Ficam as questões: essa é uma distribuição específica dos docentes filiados à ADUFSCar, ou é uma tendência geral?; quais seriam os motivos para essas fortes disparidades?

Professores filiados à ADUFSCar - solteiros



■ D1 ou Auxiliar ■ D2 ou Assistente ■ D3 ou Adjunto
■ D4 ou Associado ■ Titular

Professoras filiadas à ADUFSCar - solteiras



■ D1 ou Auxiliar ■ D2 ou Assistente ■ D3 ou Adjunto
■ D4 ou Associado ■ Titular